



1290001160



FE

TCC/UNICAMP R354c

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEOCLICE MOREIRA DE CARVALHO RIBEIRO

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO
DA SALA DE AULA

PROF. DRA. ÂNGELA FÁTIMA SOLIGO

CAMPINAS, SP
2003

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DEOCLICE MOREIRA DE CARVALHO RIBEIRO

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO DA SALA
DE AULA

UNIDADE.....	FE.....
Nº CHAMADA:	TCC/unicamp
R354	C
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	1160
PROC:.....	117/04
C:.....D:.....	X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	17/02/04
Nº CPD.....	310164

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

R354 c Ribeiro, Deoclíce Moreira de Carvalho.
Contribuições da literatura infantil no cotidiano da sala de aula / Deoclíce
Moreira de Carvalho Ribeiro. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Ângela Fátima Soligo.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1.Literatura infanto-juvenil. 2. Emoções. 3. Imaginação. I. Soligo,
Ângela Fátima. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação. III. Título.

03-0222-BFE

DEOCLICE MOREIRA DE CARVALHO RIBEIRO

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INFANTIL NO COTIDIANO DA SALA
DE AULA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
o curso de Pedagogia da Faculdade de
Educação, Unicamp, sob orientação
da Prof. Dra. Ângela Fátima Soligo

Campinas, SP
2003

PROF. ÂNGELA FÁTIMA SOLIGO

PROF. SOELY APARECIDA JORGE POLYDORO

Agradecimentos

Agradeço a Deus, profundo conhecedor e ajudador

Ao meu marido Laércio, pelo amor, amizade e apoio incondicionais

Aos meus amados filhos Filipe e André, pela paciência e pelos momentos de orgulho

Aos meus pais, sempre grandes incentivadores

À Viviane, irmã corajosa e vitoriosa, pelo estímulo

À prof. Ângela, pela orientação, tranquilidade e compreensão

À prof. Soely pela colaboração e comentários

Aos colegas da Unicamp, pela boa recepção em todas as turmas que passei

Principalmente às amigas Cássia, Débora, Jane e Silvia, companheiras de luta

Aos atores da pesquisa que protagonizaram momentos de profunda emoção

Enfim, a todos aqueles que em cada gesto, incentivo e troca contribuíram direta ou indiretamente para meu crescimento e para que eu chegasse até aqui.

Dedicatória

Este trabalho é dedicado ao meu marido Laércio, aos meus filhos Filipe e André,
por terem estado sempre ao meu lado, com todo amor, carinho, atenção e por saberem
entender minhas ausências.

**Por que prender a vida
Em conceitos e normas?
O Belo e o Feio...
O Bom e o Mau...
Dor e Prazer
Tudo afinal, são formas
E não degraus do ser!**

Maria Quintana

ÍNDICE

1- RESUMO.....	01
2- APRESENTAÇÃO.....	02
3- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	05
4- RELACIONAMENTO PROFESSOR-ALUNO.....	11
5- LEITURA EM SALA DE AULA.....	16
6- LITERATURA INFANTIL.....	19
7- OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
8- A PRÁTICA.....	27
9- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
10- BIBLIOGRAFIA.....	37

RESUMO

Este trabalho aborda a temática da atuação do professor no ambiente escolar, destacando as Contribuições da Literatura Infantil no Cotidiano da Sala de Aula. A pesquisa utiliza a abordagem qualitativa para descrever as situações vivenciadas pela pesquisadora em uma sala de aula de 2ª série do Ensino Fundamental.

A fundamentação teórica tome em consideração o modelo histórico cultural de Vygotsky e Wallon, dentre outros, baseado na corrente sócio-histórica ou histórico-cultural, na qual o desenvolvimento é processo constituído socialmente pela interação social, no qual os indivíduos apropriam-se de símbolos e internalizam as formas históricas e culturais.

O desenvolvimento tem relação direta com o processo de aprendizagem e com tudo o que acontece em sala de aula. As situações vivenciadas pelas crianças a partir da literatura em sala de aula, traz experiências com a emoção e a imaginação, bem como contribuem para o relacionamento professor-aluno.

APRESENTAÇÃO

A sala de aula não é só um lugar de lousa, giz, carteiras, alunos e professores. Na escola, em geral, os aspectos cognitivos são sempre mais importantes. No entanto, é importante que se lembre que as paredes da escola estão impregnadas de relacionamentos. De sujeitos que trazem consigo toda uma expectativa do ensino-aprendizagem. Muitos trazem esperanças, outros rebeldia; alguns com dinamismo, outros com apatia; alguns satisfeitos, outros revoltados e tristes, alguns queridos, outros nem tanto. Nesse universo se aprende e se ensina; há emoção, há fantasia, há conflitos constantes.

Apesar de toda a bagagem já trazida na formação dos personagens, o relacionamento, a interação vai se transformando e a identidade do grupo vai sendo formada, assim como cada aluno vai se revelando um sujeito único e diferenciado. Entre as crianças e o professor há uma troca de experiências e de vivências ricas de conflitos e emoções. As situações acontecem e interferem na formação de cada um.

O relacionamento professor-aluno, nas relações ocorridas na sala de aula, tem despertado grande preocupação entre educadores, no sentido de que a diáde ensino-aprendizagem seja algo mais valoroso, eficiente e prazeroso para a criança. Tem-se assistido a um intenso debate destacando a afetividade como aliada à educação.

A questão que me preocupa mais centralmente é verificar como os professores têm lidado com essa questão. Eles têm dado importância a esse fundamento? De que maneira vêm interagindo com seus alunos e vivenciado essas transformações? Têm utilizado a literatura para essa interação? Qual a contribuição poderia dar a literatura infantil, despertador da emoção e da imaginação, no cotidiano da sala de aula?

É possível que um trabalho sistemático com a Literatura Infantil traga à tona o que não aparece no dia-a-dia na escola, na sala de aula - o subjetivo do processo de ensino-aprendizagem?

As experiências vividas dentro da sala de aula, despertaram meu interesse em registrar o caminho pelos quais a emoção penetra nos alunos e se manifesta em sala de aula, estabelecendo ou não uma ligação entre a literatura e emoção, e a partir disso, verificar a contribuição da literatura no cotidiano da sala de aula.

“...o espaço da classe que acolhe os medos, os receios, as ilusões, os desejos, os sonhos das professoras e de educandos, deve constituir-se em objeto de “leitura” de professora e de educandos”

(Freire, 1994, p.32)

Na escola, estamos diante de situações conflitantes em que a emoção, tão importante para o desenvolvimento da criança, surge com toda a força, mas que, muitas vezes, é deixada de lado e considerada como algo menor que os conteúdos e que não merece sequer um pouco de tempo para a discussão. Ocorrem situações de encontros e desencontros entre professor e alunos. As interações são sempre significativas, mesmo com idéias e sentimentos opostos. Frequentemente o professor se depara com situações de conflito os quais, dependendo da atitude tomada por ele, podem gerar problemas ainda maiores ou resolver o conflito.

As crianças estão constantemente externalizando seus sentimentos, os quais modificam o ritmo de trabalho da sala de aula, fazendo surgir situações inesperadas com as quais o professor, muitas vezes, não está disposto a investir seu tempo. As emoções de raiva, medo, alegria, tristeza sempre acompanham os alunos.

É importante destacar a influência das emoções sobre a produção do conhecimento e sobre as formas de pensamento. São elas que permearão a aprendizagem através das diferentes linguagens: afetiva, corporal, dos objetos, verbal, artística, numérica e científica, e levarão o sujeito (aluno) a se emocionar com o objeto (o que se aprende). Dessa maneira, os alunos aos poucos podem compreender que tudo à sua volta está em transformação, em uma fluência ininterrupta.

No modelo histórico cultural de Vygotsky e Wallon, dentre outros, baseado na corrente sócio-histórica ou histórico-cultural, o desenvolvimento é processo constituído socialmente pela interação social, no qual os indivíduos apropriam-se de símbolos e internalizam as formas históricas e culturais. Dentro dessa perspectiva, o desenvolvimento tem relação direta com o processo de aprendizagem e com tudo o que acontece em sala de aula. A emoção e a imaginação recebem destaque na relação com o desenvolvimento da criança.

“...nesta perspectiva o desenvolvimento não pode ser reduzido a uma acumulação gradual de mudanças isoladas nem a um processo puramente evolutivo (...) é na trama das relações com os outros que a criança se apropria de modos de ação significativos, que têm determinado valor em seu meio social”

(Smolka, 1994, p. 74).

A emoção é de extrema importância, é fundamental, no processo de desenvolvimento humano. Segundo a perspectiva histórico-cultural, a emoção se encontra tanto no processo de construção do conhecimento como no processo de constituição da pessoa. A emoção estabelece o vínculo do Eu com o mundo, portanto a escola não deve negligenciar o espaço das emoções em suas atividades, e sim, privilegiar as situações em que seus alunos se emocionem.

A literatura em sala de aula propicia esse exercício de expressão das emoções. Através da literatura infantil, a criança é inserida num mundo de imaginação e emoção. Os conflitos existentes nas histórias trazem à tona sentimentos, medos, desejos, dificuldades, enfim, muitas emoções. Concorro com Leite (1999) quando destaca a importância da literatura como provocadora de emoções:

“a literatura é para sentir todas as emoções que uma história pode provocar e viver a sua influência, carregando esse descobrimento através da vida”

(Leite, 1999, p. 2)

Qual a contribuição da literatura infantil no aspecto do desenvolvimento emocional das crianças? Como as crianças lidam com o que sentem? Como se desenvolvem as demonstrações afetivas e emocionais e em que medida são influenciadas pela literatura infantil? A literatura infantil contribui para o relacionamento professor-aluno?

Esses questionamentos surgem, mas tenho a consciência de que não serão todos respondidos nessa pesquisa. Desejo destacar as contribuições da literatura infantil no cotidiano da sala de aula.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A minha reflexão tem como base os pressupostos da abordagem sócio-histórica de Vygotsky e Wallon. Isso porque acredito, também, que o indivíduo deve ser estudado em sua totalidade, importando os aspectos externos e internos, na relação do sujeito com a sociedade. Considerando a grande importância que a emoção e a imaginação têm no desenvolvimento da criança.

Nesta pesquisa, estabeleço uma interação constante entre pesquisador e pesquisado, o estudo não é meramente contemplativo, é vivenciado, sou participante dele. Desejo descrever o comportamento das crianças. Como observamos em Vygotsky, devemos assumir a perspectiva da aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de desenvolvimento.

É interessante observar que essa contribuição metodológica de Vygotsky é particularmente importante para a educação. Uma vez que a situação educativa consiste de processos em movimento permanente, a transformação constitui exatamente o resultado desejável desses processos, os métodos de pesquisa que permitem a compreensão dessas transformações são os métodos mais adequados para a pesquisa educacional. (Oliveira, 1999, p.63).

Para Vygotsky (1996) a palavra generaliza a realidade, a qual é percebida na interação social. As diversas experiências são categorizadas de acordo com as significações que são produzidas na interação com o outro. A cultura, como afirma Fontana articula a realidade dando significado à palavra:

“Ao longo de milênios de história social, em condições determinadas de produção e de reprodução da existência, formas de percepção, de organização e de classificação dos elementos do meio natural e social foram sendo desenvolvidas e consolidadas entre os diferentes grupos sociais. Seus critérios, codificados no sistema lingüístico, e através dele difundidos socialmente, passaram a fazer parte do conjunto de funções psicológicas do homem, constituindo meio objetivos para a abstração e generalização”(idem, p.13).

Vygotsky considera que os conceitos e os significados das palavras são formações históricas e estão em constante transformação. Para ele, a fala interna é sempre reveladora do “contexto psicológico no qual uma palavra deve ser apreendida” e nenhuma análise psicológica de qualquer enunciado será completa se não chegar à sua base afetivo-volitiva.

“O significado da palavra é inconstante. Ele modifica-se durante o desenvolvimento da criança e com os diferentes modos de funcionamento do pensamento.

Ele não é uma forma estática, mas dinâmica”.

(Vygotsky, 1987, p.249).

Sendo assim, o contexto psicológico determina o sentido da palavra e não é imutável (1989, p.123). As transformações no significado da palavra relacionam-se com as interações. Através da relação com o outro, o significado vai se transformando.

“O sentido de uma palavra é o agregado de todos os fatos psicológicos que emergem em nossa consciência como resultado de uma palavra. O sentido é uma formação dinâmica, fluida e complexa que tem várias zonas de estabilidade. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto da fala. É a mais estável, unificada e precisa dessas zonas. Em diferentes contextos, o sentido de uma palavra se modifica. Em contraste, o significado é um ponto comparativamente fixo e estável que permanece constante em todas as mudanças do sentido da palavra que são associadas aos seus usos em vários contextos. A mudança no sentido da palavra é um fator básico na análise semântica da fala. O significado atual da palavra é inconstante. Em uma operação, a palavra emerge com um significado; em outra, outro significado é adquirido.”

(idem, p.276).

Para Vygotsky (1989), uma criança não inventa o significado das palavras. Essas palavras são produzidas a partir da interlocução com outros membros do seu grupo cultural. É nessa interação que percebe-se a emoção. As reações emotivas são sempre acompanhadas de alterações orgânicas, como postura, suor, arrepios e movimentos em geral.

“Desse modo, a comunicação verbal com os adultos torna-se um poderoso fator no desenvolvimento dos conceitos infantis (...) Assim, a criança começa a operar com conceitos, a praticar o pensamento conceitual antes de ter uma consciência clara da natureza dessas operações. Essa situação genética peculiar não se limita à aquisição de conceitos; mais que uma exceção, é a regra no desenvolvimento intelectual da criança”
(Vygotsky, 1989, p.59).

Segundo Vygotsky, toda atividade humana que não esteja restrita à reprodução de fatos, é resultado da imaginação. Não existe criatividade se, somente, reproduzo algo que anteriormente elaborei; desse modo minha atividade limita-se a repetir algo já existente, às vezes com maior exatidão, às vezes com menor. Através da percepção, novas imagens são criadas e a partir daí a imaginação. Assim, o homem não se limita a reproduzir feitos e sim cria novas imagens e novas ações.

A imaginação e a realidade estão sempre relacionadas entre si, pois se referem a elementos oriundos da realidade. A fantasia é criada a partir de fatos reais. A imaginação mescla os elementos reais com as imagens de fantasia. Parindo desse raciocínio, quanto mais experiências forem vivenciadas pelo sujeito, mais material terá que enriqueça sua imaginação, a qual servirá como auxiliar no seu desenvolvimento. O papel do professor também é contribuir para que seu aluno tenha muita experiência em sala de aula, que o ajude a desenvolver sua atividade criadora.

A imaginação constitui-se socialmente, dependendo da experiência que se acumula com o decorrer da vida. Estamos diante da importância fundamental do compartilhar experiências. Qualquer indivíduo é capaz de criar ou imaginar a partir da experiência, da descrição de outra pessoa.

Para Vygotsky, a imaginação criada pela fantasia também desperta emoções e sentimentos reais. Esse despertamento vai influenciar e estabelecer o nível de relacionamento entre professor e aluno.

Vygotsky, segundo Smolka e Oliveira (mimeo), estudava as relações entre a literatura e os efeitos das palavras nos leitores.

“... buscava compreender a produção da emoção pela palavra; indagava sobre como a palavra afeta o homem, como um texto literário pode emocionar.”.

Vygotsky (1987) aborda a relação entre imaginação e emoção, mostrando que há uma interferência entre elas.

“A imaginação é um processo psicológico novo para a criança, representa uma forma especificamente humana de atividade consciente”

(Vygotsky, 1984, p.106).

Vygotsky (1987) argumentou que tanto o desprendimento propiciado pela imaginação quanto à subordinação às regras estão presentes nas várias formas do brincar. No caso do jogo de faz-de-conta, na construção de personagens, como fizemos na classe, estabelece-se uma situação imaginária.

No caso específico da pesquisa, a literatura infantil utilizada provocou nas crianças uma vivência, envolvendo um reelaborar de experiências, combinando e criando novas realidades, de acordo com necessidades e preferências.

Apesar de certas inovações, as crianças criaram algo a partir de algo preexistente. Assim, no espaço das ações lúdicas, a criança recria suas vivências cotidianas, reproduz modos culturais de ação com ou sobre objetos e modos de relação interpessoal.

No que concerne à relação eu-outro, parece-me interessante considerar o envolvimento da criança com esses "eus" fictícios e atentar para as diferentes formas pelas quais ela invoca e recria os outros na brincadeira.

Na relação eu-outro existente, o envolvimento de cada criança ao descrever seu colega, por exemplo, manifestou uma recriação de diversas formas. Muitas vezes as crianças ocupavam o lugar do outro. Isso contribui muito para que vá construindo o seu próprio eu, reproduzindo modelos sociais e os espaços culturais.

Nesse jogo imaginário a criança brinca com suas próprias imagens e também com a imagem dos outros. Para elas já existe um personagem imaginado com seu papel a desempenhar. A riqueza das situações imaginárias permitem que a criança, encenando fatos cotidianos, se desloquem de seu papel para outro.

Vygotsky (1987) destaca a influência da emoção nas combinações da imaginação e da fantasia e ao mesmo tempo influência da imaginação nos sentimentos. A partir dessa relação entre afeto e intelecto se dá a organização da inteligência, segundo ele. Essa afirmação se contrapõe a separação muitas vezes existente entre os aspectos intelectuais e os aspectos afetivos.

Além disso, a emoção assume um papel fundamental no processo de desenvolvimento da criança, pois se refere tanto ao processo de construção do conhecimento como ao processo de construção do indivíduo. A emoção permite que a criança interaja com o meio (físico e social), se relacionando com o outro e construindo sua própria identidade.

Conforme afirma Wallon(1995), a emoção passa a ser um forte elo entre os indivíduos, mobilizando o meio. Contudo, estabelece uma distinção entre emoção e afetividade, pois esta engloba sentimentos (origem psicológica) e emoções (origem biológica), bem como a característica de estados provisórios da emoção.

“As emoções podem ser consideradas, sem dúvida, como a origem da consciência, visto que exprimem e fixam para o próprio sujeito, através do jogo de atitudes determinadas, certa disposição específica de sua sensibilidade. Porém, elas só serão o ponto de partida da consciência pessoal do sujeito por intermédio do grupo, no qual elas começam por fundi-lo e do qual receberá as fórmulas diferenciadas de ação dos instrumentos intelectuais, sem que os quais lhe seria impossível efetuar as distinções e as classificações necessárias ao conhecimento das coisas e de si mesmo”

(Wallon, 1986 apud Galvão,1995)

Na escola, a criança encontra-se num processo de desenvolvimento intelectual e, segundo Wallon (1986), as emoções possibilitam esse progresso, pois direcionam a criança para o conhecimento do mundo. Portanto, é fundamental que o professor utilize meios que permitam que as emoções aflorem em sala de aula, como, por exemplo, a Literatura Infantil.

RELACIONAMENTO PROFESSOR ALUNO

A escola é um lugar repleto de relações. Cada dia as relações estão diferentes e possuem significados diferentes e, dessa maneira, interferem no dia-a-dia dos personagens. Tanto o professor quanto os alunos chegam à escola com estados de ânimo distintos a cada dia. Chegando na escola, cada personagem traz influências que já recebeu anteriormente de outros contatos com a família e ainda mantém um contato com outros personagens: outros colegas, outros professores, e os funcionários. Nessa interação há muitas possibilidades de comportamentos e ações.

Dentro da instituição, a escola, na figura do professor, muitas vezes formaliza tanto o conteúdo, que se afasta cada vez mais do aluno. Os professores recorrem aos livros, ao material didático para apresentar o conteúdo ao aluno, muitas vezes distanciado da realidade concreta.

A sociedade destina ao professor um papel distinto dentro da escola. Ele tem a responsabilidade de ensinar, exigir o cumprimento de regras e avaliar seu aluno. Entretanto, esse papel não lhe dá o direito de ser injusto ou desconsiderar, por exemplo, os direitos relativos à cidadania dos alunos. É importante que o professor estabeleça um relacionamento com o aluno a ponto de tornar o aprendizado algo significativo.

Freqüentemente, segundo Araújo, a formalização do conhecimento simplifica a realidade e separa o sujeito do objeto de conhecimento. “Sentados em carteiras individuais, dentro de espaços artificiais criados para promover a aprendizagem formal e, de preferência, sem poder dialogar com os demais colegas, criam-se situações que deslocam os alunos e as alunas do mundo concreto em que vivem. Em última instância, da realidade complexa do universo”.(p.22, 2002).

Muitas vezes o cotidiano do aluno, suas emoções, sentimentos e conflitos pessoais não são considerados relevantes pela escola, sendo objetos de conhecimento dispensados. Dessa maneira, a educação formal se distancia cada vez mais dos interesses e desejos dos alunos. O aluno é um ser que possui uma história de vida anterior, que continua simultaneamente com sua vida na escola.

É indispensável para o aluno que consiga, através da sua formação, competência para lidar com seus conflitos, seus sentimentos e emoções. Para tanto é preciso atentar para a forma de relacionamento entre os professores e os alunos. Segundo Araújo (2002), “as condições ideais para a criança libertar-se do egocentrismo, da submissão cega e do respeito unilateral para com os mais velhos dependem de relações democráticas baseadas na cooperação, no respeito mútuo e na reciprocidade que crianças e adultos estabelecem entre si”.

O professor não deve se limitar à posição de técnico numa posição simplesmente reprodutora, e, sim, ser um mediador entre o aluno e o conhecimento. É através dessas reflexões que o professor atenta para um novo olhar das práticas pedagógicas. Por exemplo, que a aprendizagem é social, mediada pela cultura. Dessa maneira, a importância dada ao conteúdo das disciplinas passa a ser dividido com a forma de ensinar (o “como” ensinar).

Muitos autores, como Dantas (1992) e Freire (1994) defendem que a atividade de ensinar está repleta de afeto. As relações entre ensino e aprendizagem estão diretamente ligadas às condições afetivas que facilitam a aprendizagem. Também Pino (mimeo) ressalta que os fenômenos afetivos são responsáveis por revelar como cada fato na vida do indivíduo é tratado no seu íntimo.

“Assim sendo, parece mais adequado entender o afetivo como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações, etc.) um sentido afetivo” (idem, p.130-131)

Contudo, segundo Leite (2002), a afetividade não é independente da ação do meio sociocultural, apesar de sua natureza subjetiva, pois os fenômenos afetivos estão relacionados com as qualidades das interações entre os sujeitos. As experiências vividas marcarão os objetos culturais afetivamente. As relações sociais estão repletas de afetividade, influenciando os processos cognitivos. Essas interações também acontecem na escola, na relação professor-aluno.

“A natureza da experiência afetiva (prazerosa ou aversiva, nos seus extremos) depende da qualidade da mediação vivenciada pelo sujeito, na relação como objeto.”
(idem, p.13).

Essa mediação do professor é de natureza afetiva, demonstrando a unidade entre a afetividade e a cognição do sujeito. A afetividade é parte integrante do processo ensino-aprendizagem. Muitas vezes, há uma inadequação da atividade proposta com o objetivo inicial do professor.

Leite (2002) exemplifica com o caso do professor tradicional que propõe a leitura de um bom livro, mas acaba com a motivação dos alunos ao propor fichas de leitura como atividade.

“A qualidade da mediação, em muitos casos, determina toda a história futura da relação entre o aluno e um determinado conteúdo ou prática desenvolvida na escola. Tal história, em muitos casos, é essencialmente afetiva”.(idem, p.15)

Vygotsky (1987) destaca o fator emocional juntamente com a imaginação e a fantasia. Ressalta que a organização da inteligência se dá por meio de uma relação dinâmica (interfuncionalidade) entre afeto e intelecto, contradizendo a separação entre os aspectos intelectuais e afetivos.

O estudo das relações entre o educador e o educando é extremamente importante, pois não se pode considerar o aluno como algo isolado, ele está posicionado em relação aos outros alunos e, principalmente, em relação ao seu professor. Essa relação tem influência direta sobre a metodologia e, eventualmente, provoca no aluno transformações afetivas desfavoráveis ao ensino. A instrução dada pelo educador apresenta aspectos afetivos pessoais, que podem variar de aluno para aluno, que muitas vezes torna-se mais importante que um livro.

A vida desta relação está preponderantemente submetida à iniciativa do professor, devido à sua posição dominante. Ele decide, orienta, esclarece e obriga. A própria estrutura física de uma classe o separa de cima-para-baixo e o distancia dos seus alunos.

Contudo há aqueles professores que manifestam algum apreço e interesse pelos alunos enquanto indivíduos. Alguns vêem as crianças como sujeitos presentes em sala de aula para aprender o conteúdo e observam somente o resultado. Mesmo assim, ainda demonstram alguma interesse por seus alunos. Entretanto, existem aqueles que simplesmente ignoram a criança em seu papel de sujeito.

O professor também pode se preocupar com a vida criança com a intenção se alimentar seu egocentrismo apenas, reduzindo o aluno ao seu objeto de domínio.

Finalmente há aquele professor que tem interesse em conhecer a vida da criança para respeitá-la, estabelecendo uma troca afetiva e intelectual com ela. É esse professor que, através da interação, consegue acrescentar subsídios para o desenvolvimento de seu aluno. É necessário que o professor tome consciência de que é diferente dos outros e está se relacionando com um aluno que também não se parece com nenhum outro. Vivências na sala de aula devem permitir olhar no rosto das crianças e não somente a rotina, a correção dos deveres ou a manutenção da disciplina.

Observaremos se a Literatura Infantil tem alguma contribuição nesse relacionamento professor-aluno no cotidiano da sala de aula.

LEITURA EM SALA DE AULA

"Vamos dizer que a experiência da leitura é a nossa aventura..."
(Arrigucci, 1992, pp19).

A leitura possibilita o acesso ao conhecimento produzido e acumulado pela humanidade. Para Antônio Cândido (1972), a literatura ocupa três funções principais: a psicológica, a formativa e a de representação de uma realidade. Todo indivíduo tem necessidade de fantasia e ficção. Um dos meios mais adequados e eficientes de atender essa necessidade é a leitura, a qual modifica seus leitores. Na leitura se faz o elo entre a realidade e a fantasia.

"...as camadas mais profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar" (idem, p.805).

Para Zilbermann (1985), a boa literatura é aquela que destaca o caráter da arte e desperta o imaginário, podendo ser veristas ou fantásticas, miscigenando gente e animais, simbolizando situações humanas. A literatura surge, então, como oportunidade para que as emoções, sentimentos e conflitos se externalizem. A literatura gera temas e discussões, revoltas e frustrações.

“Ler histórias para a criança é também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, os impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos dum jeito ou de outro através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... E a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas”.(p.92)

Essa citação reforça a idéia de que é extremamente importante para a criança vivenciar intensamente a experiência da leitura, vivenciar tudo o que as narrativas provocam, descobrindo os conflitos e as soluções vividas pelas personagens.

Abramovich (1989:16) ressalta a importância da leitura de histórias para as crianças, pois provoca sensações de alegria, medo, frustração e coloca a criança em situações semelhantes ao seu dia-a-dia, possibilitando um contato com as soluções.

A leitura significativa é a busca por significados; ler é buscar em textos respostas para o que se procura. Zilberman(2003), citando Bettelheim, destaca que a literatura infantil traduz, em caráter simbólico, os conflitos interiores das crianças, podendo levar ao “reconhecimento e superação do problema”(p.137).

Segundo Foucambert (1980), o aprendizado da leitura se dá através da interrogação, da mobilização do conhecimento para se descobrir o desconhecido. Ocorre através da reflexão do conteúdo lido e da consciência de que alguém faz uso deste ressaltando assim sua funcionalidade. É através da leitura que se conhecem novos pontos de vista, novas experiências, o que possibilita repensar os próprios pontos de vista, confrontando-os com outras possibilidades.

Para Foucault (idem), a leitura proporciona a descoberta de idéias e de pontos de vistas diferentes do que o leitor possui. Para ele, ler é ser questionado pelo mundo e por nós mesmos. A leitura possibilita a aquisição e a troca de conhecimento. Ela nos permite não só conhecer uma realidade ou uma ficção como também compreender e questionar essa descoberta.

LITERATURA INFANTIL

Muitos tipos de literatura têm sido muito úteis e auxiliam o professor dentro da sala de aula; alguns deles merecem destaque: o Conto de Fadas e os Contos Maravilhosos.

O Conto de Fadas desenvolve-se dentro da magia, na qual reis, rainhas, príncipes, princesas, bruxas, gigantes travam batalhas existenciais, gerando um problema para um herói ou heroína ligados a união homem-mulher. Essas batalhas geralmente trazem dificuldades a serem superadas.

Segundo Coelho (1991) há uma diferença essencial entre Conto de Fadas e Contos Maravilhosos, os quais, geralmente se desenvolvem sem a presença de fadas, mas ainda dentro do aspecto mágico, com duendes, animais falantes e gênios. Para ele, os Contos Maravilhosos têm sempre um eixo gerador de uma problemática social. O herói anseia pela conquista de bens ou riquezas, enfatizando a parte material ou sensorial do ser humano.

Bettelheim (1980) destaca que a maior contribuição dos contos de Fadas se dá no emocional da criança, pois realiza quatro tarefas: fantasia, escape, recuperação e consolo. Fornecem escapes necessário aos medos internos infantis e às suas ansiedades, desenvolvendo também sua capacidade de fantasia infantil.

“Os contos de fadas começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende, e sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe – oferecem exemplos, tanto de soluções temporárias quanto permanentes, para dificuldades prementes” (p.14).

Segundo Zilbermann (2003), a literatura infantil é “um agente de conhecimento porque propicia o questionamento dos valores em circulação na sociedade, seu emprego em aula ou em qualquer outro cenário desencadeia o alargamento dos horizontes cognitivos do leitor, o que justifica e demanda seu consumo escolar.” (p.12)

Até a Idade Média, a infância não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo infantil possuía um espaço separado. Os primeiros textos para crianças foram escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo.

Percebemos que ainda hoje a literatura infantil, muitas vezes, não é aceita como produção artística, trazendo consigo, geralmente, um objetivo didático.

Jesualdo(1982) destaca a importância da literatura infantil. Acrescenta que a criança sonha com um livro que “traduza sua inquietude e sacie plenamente seu interesse”. Um livro que não seja um livro de estudos e sim um belo livro, sem outra utilidade além de mostrar sua beleza. Entretanto, há uma certa dificuldade em satisfazer as crianças sempre. No estudo de Jesualdo, ele destaca que, segundo Anatole France, isso ocorre, pois em geral, os escritores voltados para o público infantil apresentam seus livros com extrema simplicidade (“puerilidade”), para colocar-se ao nível da mentalidade infantil, e o tom “moralizador”, pois apresentam “a virtude recompensada e o vício castigado”(p.17).

Contudo, o maior argumento em favor da utilidade da literatura infantil ainda é a riqueza imaginativa que apresenta. A criança vivencia cada uma das experiências de contos e fantasias, manifestando-se num mundo livre e natural, o qual apresenta-se à criança muito mais próximo do real do que do fantástico. A literatura torna-se um instrumento de educação. A literatura deve adaptar-se ao gosto infantil, servir de alimento à imaginação infantil e também conduzi-la ao conhecimento da realidade através das reflexões com o educador.

Na Literatura Infantil há uma vasta possibilidade de exploração, podendo determinar a visão que se tem do mundo. Com a literatura Infantil, as crianças sentem todas as emoções que a história pode provocar.

Para Meirelles (1984), os livros não são apenas passatempos. A criança é influenciada pelo livro e alimenta-se dele. A criança deve desde cedo ter contato com textos de boa qualidade. Deve-se apresentar textos, histórias que levem as crianças a entender a leitura como fonte de prazer, de satisfação e de realização, não sendo uma atividade secundária. Através da literatura, as crianças são estimuladas a falarem e interagirem com os outros. Todo o processo é realizado através de processos interativos entre o sujeito e o outro. Acredita-se que os indivíduos só constroem significados através da interação.

Para Vygotsky (1993) o pensamento não tem equivalente imediato, por isso a transição para palavra passa pelo significado. Atrás do pensamento há emoções, desejos, interesses, fazendo com que a compreensão do que se diz dependa da interação do ambiente com essa base afetiva. Para ele, os significados das palavras são formações dinâmicas e modificam-se com o desenvolvimento da criança. A literatura provoca o pensamento e a interação professor-aluno. É responsável por momentos de desabafos, de alegrias, de silêncio, que a seguir ressaltamos frente aos depoimentos de alguns professores.

Gostaria de transcrever algumas idéias e declarações de autores de literatura infantil, retiradas da Internet, acerca desse objeto de estudo que provoca vários pontos de vista, a fim de que, quem sabe, nos ajudem, enquanto professores, a chegarmos próximos de nossa própria formulação.

"Literatura Infantil é todo o acervo literário eleito pela criança"

(Bárbara Vasconcelos Bahia)

Partindo dessa definição, a literatura infantil teria de ser escolhida pela criança. Um texto apresentado o qual ela manifeste interesse e tome para si como útil, divertido, prazeroso.

"Literatura Infantil são os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança."

(Leo Cunha)

De acordo com esse autor, a literatura infantil necessariamente tem de provocar as crianças. Trazer algo de novo nas suas sensações e emoções, transmitindo também prazer e estimulando a fantasia.

"A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola"

(Nelly Novaes Coelho)

Para a autora, a Literatura infantil forma o sujeito, quer ele seja apresentado a ela e estimulado a lê-la, quer ele mesmo tenha buscado, sem interferências ou influências, por ela.

"Escrevo porque gosto. Com meus textos, quero botar para fora algo que não consigo deixar dentro. E escrevo para criança porque tenho uma certa afinidade de linguagem. Mas não tenho intenção didática, não quero transmitir nenhuma mensagem, não sou telegrafista. Acredito que a função da obra literária é criar um momento de beleza através da palavra. ... Em momento algum eu acho que a linguagem deva ser simplificada. Em meus livros não há condescendência, tatibitate nem barateamento da linguagem. A colocação dos pronomes é consciente, a regência e a concordância são rigorosas. As rupturas são intencionais, têm uma função estilística. Acho essencial dominar uma gramática para domá-la a partir de uma linguagem nova."

(Ana Maria Machado)

Para a autora, a literatura infantil não tem a obrigação de transmitir nenhuma mensagem. Isso ocorre sem que tenha a intenção, se utiliza a literatura para se expressar.

Essa intenção também é expressa nas palavras da próxima autora, entretanto esta manifesta um pouco mais suas intenções nas mensagens que quer dar e de quem quer falar.

*“Escrevo para dizer o que penso. Quero reclamar de governos autoritários. Quero mostrar a existência de desigualdade entre o homem e a mulher. Não fujo muito de temas que, supostamente, não pertencem ao universo infantil”.
Acho que todo mundo é capaz de aprender.”“.*

(Ruth Rocha)

OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo como base a importância da emoção e da imaginação para o desenvolvimento da criança, tenho como objetivo nesta pesquisa verificar as contribuições da literatura infantil no cotidiano da sala de aula.

Pretendo apontar, se a literatura é um dos caminhos pelos quais a emoção penetra nos alunos e se manifesta em sala de aula, estabelecendo ou não uma ligação entre a literatura e essa emoção, contribuindo para o relacionamento professor-aluno.

Na escola o indivíduo se apresenta de forma completa, ou seja com seus conhecimentos, e com as suas emoções.

A minha preocupação central é se os professores têm utilizado a literatura para essa interação, ressaltando a relação entre literatura e emoção, e se esses momentos de leituras têm auxiliado no relacionamento entre professor e aluno. Pretendo verificar se é possível que um trabalho sistemático com a Literatura Infantil traga à tona o que não aparece no dia-a-dia na escola, na sala de aula. Pretendo verificar se, a medida em que a literatura provoca emoções nos alunos e também no professor, se isso contribui no relacionamento entre eles.

O maior argumento em favor da escolha da literatura infantil para a realização da pesquisa se dá, pois esta é reconhecida pela riqueza imaginativa que apresenta. A criança vivencia cada uma das experiências de contos e fantasias, manifestando-se num mundo livre e natural, o qual apresenta à criança muito próximo do real do que do fantástico. A literatura torna-se um instrumento de educação. A literatura deve adaptar-se ao gosto infantil e conduzi-la ao conhecimento da realidade através das reflexões com o educador.

Não pretendo criar situações que obriguem o sujeito a reagir conforme o previsto. Faremos um exercício que facilite a abordagem dos conflitos e das emoções no dia-a-dia da sala de aula, a fim de observar se a literatura estabelece um vínculo mais próximo entre professor e aluno, a ponto de influenciar o relacionamento entre eles.

Tendo como base que a literatura infantil traduz, em caráter simbólico, os conflitos interiores das crianças, podendo levar a superação do problema, consideraremos a literatura infantil como um instrumento em sala de aula.

Inicialmente faz-se necessária uma aproximação, ou inserção no local de estudo, facilitando o contato com os sujeitos e com as situações. Os dados qualitativos serão os estudados.

Por ser necessário a escolha de uma classe na qual fossem feitas as observações, análise e registros, foram feitas entrevistas com os professores da 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental de uma escola no município de Campinas/SP.

Não encontrei uma situação facilitadora para executar este trabalho. Pensei que encontraria professoras que utilizam a literatura infantil um pouco mais do que “mais um material didático” para que se ensine ortografia, pontuação, ou quem sabe até interpretação. Gostaria de ter encontrado algo mais criativo.

Gostaria de presenciar momentos mais livres de conteúdo. Minha intenção era presenciar professores permitindo que seus alunos, suas crianças, tivessem a oportunidade de externalizarem mais seus sentimentos, suas emoções, utilizando-se da literatura como estímulo.

Para escolher a classe em que faria a pesquisa, me utilizei de algumas questões para que definisse qual professora me permitiria uma aproximação maior com os alunos e, conseqüentemente, uma observação mais fidedigna.

A grande maioria se comportou semelhantemente ao responder às perguntas. Três questões fundamentais dirigiam a entrevista:

- 1- Por que trabalham com literatura infantil nas suas turmas?
- 2- De que forma trabalham com a literatura?
- 3- Quais os resultados encontrados?

Ao descreverem o objetivo de trabalharem a literatura infantil nas classes, disseram que “*é uma forma gostosa*” de se trabalhar, com possibilidades de diversão, aprendizagem, além de favorecer a escrita, a partir de diferentes textos.

Todas responderam que iam à biblioteca semanalmente e que as crianças tinham um dia predeterminado para pegarem um livro do acervo da classe e na semana seguinte um da biblioteca. Esses empréstimos eram alternados.

Há um costume de levarem as crianças ao pátio externo para lerem o livro do acervo da classe. Chegando lá, alguns sentam, ou em duplas ou sozinhas, outros deitam e ficam por alguns instantes na leitura, sem qualquer interferência da professora. Quando estão na biblioteca, há almofadões e tapetes, além das mesinhas. Cada criança escolhe como quer ler. Algumas vezes, depois da leitura feita, executam alguma atividade referente a esta, *“quando há tempo”*.

As professoras observam uma grande motivação para a leitura, pois os alunos gostam e cobram a biblioteca.

Apesar de todos os professores entrevistados fazerem uso da literatura infantil como instrumento de ensino para seus alunos há aqueles que a utilizam simplesmente para silenciar as crianças, outros para ensinar ortografia, interpretação e há aqueles que, compartilham comigo da opinião que a literatura infantil é muito mais do que um instrumento para a passagem de conteúdos. É um momento de afetividade entre professor e aluno, um momento de relaxamento e de provocar emoções nos alunos e professores.

Ao entrevistar estas professoras no início dos trabalhos, encontrei uma que se distanciava das demais. Era mais flexível quanto aos horários e jamais se afastava deles nesses momentos. Resolvi escolher esta classe.

Resolvi vivenciar a experiência de ser um pesquisador-participante e buscando inspiração na professora que me trouxe novidades com o trabalho de literatura infantil iniciei meu trabalho. A minha preocupação com a qualidade dos dados levou-me a optar pela observação participante, pois facilitaria o estreitamento desta interação, auxiliando no entendimento da identidade do grupo.

Ao conversar com a professora e transmitir que as minhas intenções no projeto eram de observar a turma nas atividades desenvolvidas com a literatura infantil, ela quis que eu assumisse a parte da *“hora da leitura”*. Expliquei que meu objetivo não era trabalhar a leitura simplesmente com as crianças. Resolvemos trabalhar em conjunto. Alguns dias eu faria a leitura e outros a professora. Concordamos que alguns dias faríamos atividades após a leitura e outros dias apenas deixaríamos que as crianças falassem o que quisessem. Estaríamos estimulando o gosto pela leitura, através de livros atraentes, histórias envolventes e ricos em ilustrações, incentivando a leitura, tendo também como propósito, desintegrar o estigma da *“leitura por obrigação”* e, em seu lugar, desenvolver o prazer pela leitura.

Enfim, por algumas semanas tive a oportunidade de estar com aquelas crianças, não somente nas horas da leitura. Neste trabalho colocarei alguns acontecimentos que expressam às contribuições da Literatura Infantil no cotidiano da sala de aula.

A PRÁTICA

Com a minha presença em algumas aulas iniciais, antes de começar a desenvolver o projeto com leitura, constatei que, apesar dos estudos recentes ressaltando a preocupação com o desenvolvimento emocional e a própria afetividade das crianças, muitas vezes com a correria do dia-a-dia e a grande cobrança de resultados, as crianças e suas manifestações emocionais são reprimidas. Esse sentimento forma uma baixa auto-estima, tornando as crianças bastante agressivas com seus colegas em qualquer situação.

Ainda estava enfrentando o medo de me envolver com as crianças e, talvez compartilhar sentimentos e emoções, pois é uma necessidade do ser humano, mas expliquei a eles que trabalharia horas de leitura juntamente com a professora. Estaria observando e ao mesmo tempo participando dos acontecimentos em sala de aula. Não seria fácil observar, refletir e vivenciar todos os acontecimentos.

Queria apenas que fizéssemos todos um exercício de permitir que nossa emoção e nossa imaginação estivessem presentes o tempo que quisessem, sem que tivéssemos que nos limitarmos à fala esperada e à atitude programada. Tinha conhecimento de que as crianças chegavam agitadas na escola, cheias de histórias, conflitos, e que não deixariam para trás esses sentimentos.

Durante duas semanas a professora leu as histórias e conversamos sobre elas. As crianças faziam bastante “barulho” nessa hora, mas eu ainda não conseguia decifrar suas emoções, ou estabelecer alguma relação entre esses momentos e o relacionamento entre a professora e as crianças. Acho que eu estava ainda muito presa a meu objetivos. Queria encontrar algo mais “concreto” que não me deixasse em dúvida na hora de relatar. Depois pensei: “como encontrar algo tão objetivo relacionado “as emoções” ou ao relacionamento de indivíduos tão distintos, cada um com suas histórias de vida? Passei a me desprender dos conceitos e apenas a observar às falas das crianças.

Resolvemos desenvolver alguma atividade com elas.

Certo dia lemos uma história de Monteiro Lobato.(Caçadas de Pedrinho). Nesse livro, Pedrinho organiza uma caçada de onça e sai vitorioso, como também sai vitorioso do ataque das onças e outros animais ao sítio de dona Benta.

Estavam todos eufóricos, pois conheciam os personagens da série da TV. Inicialmente ao terminarmos a leitura, nos voltamos para uma parte em que um dos personagens era descrito. Resolvemos fazer um exercício com eles de descreverem seus

colegas de classe e algumas pessoas da família. Trabalhariam em grupo e depois escolheriam algumas pessoas para descreverem para o restante da turma.

Se tive a intenção de registrar emoções e verificar se a literatura contribui para o relacionamento professor-aluno, esse dia foi riquíssimo! Quanta emoção!!! Quanta interação!!!

O Paulo (optei por nomes fictícios), que entrou um pouco mais tarde na escola que os demais, começou a esbravejar e a gritar com seu companheiro de mesa. As outras crianças estavam atônitas e assustadas. Nessa classe não havia o costume de haver brigas tão ferventes.

Até que alguém conseguiu explicar que o Mário havia descrito o Paulo como um velho. Este estava muito nervoso e chorava. Inicialmente pensei: “por que as crianças se ofendem tanto e logo partem para a agressão?” O que queria dizer esse menino ao se expressar com a agressividade e o choro? Nesse momento, a professora manteve uma postura mais próxima com o Paulo, como não havia observado anteriormente. A partir desse dia, notei um comportamento menos formal, por parte da professora, ao lidar com as dificuldades e, na medida do possível, por causa do pouco tempo disponível, estabelecia diálogos mais significativos com as crianças; falavam de assuntos externos à sala de aula, inclusive.

Concordei com a perspectiva walloniana na qual o conflito assume papel de grande importância para o sujeito, mesmo que em sala de aula, muitas vezes, não lhe seja possível externalizar tal sentimento, o que é lamentável.

“(...)há consenso em valorizar a gestão das interações conflituais como aspecto decisivamente definidor de seu valor funcional, sugerindo assim que a habilidade em administrar conflito seria valiosa ferramenta para a vida em sociedade”

(Galvão, 1998, p.17)

Para Vygotsky (1987) a fala é uma atividade física, controladora do próprio corpo e das ações do outro, com o objetivo de atingir a um fim específico. Parecia que aquele menino expressava a revolta que tinha em entrar tão tarde na escola com aquelas palavras agressivas.

A professora mostrou às crianças que velho era quem já tinha vivido muitos anos e que isso era muito importante, pois cada vez a pessoa vai aprendendo mais coisas. Um dia todos seriam velhos e não estariam mais na escola. Para “aliviar” o ambiente, eu e a professora começamos a mostrar nossas “rugas” e dissemos que apesar delas não éramos velhas ainda. Eles se divertiram bastante e logo estavam brincando novamente com suas descrições.

“A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. Para ele a leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação da criança; na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual”
(apud RUFINO e GOMES, 1999, p.11).

Acredito que as emoções não possuem somente um sentido. Há muitos distintos significados nas relações dessas crianças. Esses sinais observáveis de emoção nem sempre têm somente um sentido. Esse choro do Paulo não significava dor. Esses significados das emoções dependem do contexto em que estão inseridas. É necessário que se compreenda nas relações sociais e que a história de cada um seja considerada. A professora colocou que na casa do Paulo ele foi quem primeiro frequentou a escola. Antes desse episódio, talvez ele não tivesse sido incomodado ainda pelo fato de ser o mais velho na classe.

Num outro momento fizemos a leitura de “Marcelo, marmelo, martelo”(Ruth Rocha). O livro conta a história de um menino que vivia dando nomes as coisas, pois não se conformava com o nome que elas possuíam. A professora disponibilizou dois dias para desenvolver as atividades sobre o livro. As crianças gostaram muito da história! Ficaram bastante tempo inventando palavras...como conseguem ser tão criativas! A professora também entrou na brincadeira e começou a inventar palavras, todos gargalhavam bastante. No dia seguinte, ainda fora da classe, as crianças traziam nomes novos às coisas e estavam ansiosas para falar com a professora. Notei que ela os recebeu com mais alegria e com um sorriso nos lábios.

Vygotsky afirma que o impulso criador ou combinador, o qual está intimamente ligado à imaginação, é responsável pela atividade (criadora) que faz o homem projetar-se no futuro, transformando a realidade presente.

“Todos os objetos da vida diária, sem excluir os mais simples e habituais, vêm a ser algo assim como a fantasia cristalizada” (Vygotsky, 1982, p.10)

Nestas palavras o autor reitera que o mundo cultural criado pelo homem é produto da imaginação e da criação humana baseada na imaginação.

“(...) Faz-se necessário que o professor introduza na sua prática pedagógica a literatura de cunho formativo, que contribui para o crescimento e a identificação pessoal da criança, propiciando ao aluno a percepção de diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, a autonomia e a criticidade, que são elementos necessários na formação da criança em nossa sociedade atual”.

(SAWULSKI, 2002).

Tinha a impressão que eles se identificaram muito com o personagem. Na história, a criança se projeta momentaneamente nos personagens e penetra no mundo da fantasia, vivenciando um contato mais estreito com seus sentimentos e elaborando seus conflitos e emoções. Desta maneira ela cresce e se desenvolve. A história funciona como uma ponte entre o real e o imaginário.

“O despertar da inteligência e o de imaginação caminham juntos e constantemente se enriquecem”.

(HELD, 1980, p.48).

Originariamente, os livros infantis tinham uma intenção pedagógica, as histórias infantis eram um meio para o ensino didático ou vinham impregnados de valores morais a serem incutidos nas crianças. Observei que nenhum deles ficou criticando a maneira pela qual o personagem falava, nem mesmo a professora. Aceitou bem a brincadeira de cada um inventar sua palavra.

São vários os conceitos que se tem de Literatura Infantil, dentre eles, como o referido por CUNHA, de que:

“(...) Literatura Infantil são os livros que têm a capacidade de provocar a emoção, o prazer, o entretenimento, a fantasia, a identificação e o interesse da criança”.

(apud ALVES, 2003).

Estava passando por uma experiência de significados.

Resolvemos trabalhar com argila, pois tínhamos tempo para fazer os personagens e ainda discutiríamos a história.

Todos ficaram bastante animados. Alguns resolveram fazer o Marcelo, aliás, a maioria- estavam encantados por ele. Outros quiseram fazer ao casinha do cachorro, enfim cada criança foi escolhendo desenvolver seu trabalho da maneira que preferisse.

“(...) é preciso entender que a criança é também cheia de conflitos, medos, dúvidas e contradições, não por desconhecer a realidade, mas por trazer em si a imagem projetada do adulto”. Portanto, “(...) Quanto ao desenvolvimento cognitivo, a ênfase não pode ser naquilo que a criança ainda não dá conta, mas sim, naquilo que só ela é capaz de fazer”.

(ALVES, 2003).

Forramos as carteiras com jornal, mas sabíamos que isso não seria suficiente e que no final tínhamos muito trabalho pela frente. Alguns tiveram alguma dificuldade em fazer algo ligado à história e logo estavam fazendo cobrinhas e bolinhos como se faz com a massinha. De qualquer maneira estavam livres para se expressarem de alguma forma

Alguns demonstravam um pouco mais de força ao bater com a argila fortemente na carteira e amassá-la com bastante vigor. Ao mesmo tempo em que tivemos dificuldades para contê-los um pouco, o barulho estava bem forte, parecia que estavam colocando naquele exercício suas angústias, medos e incertezas.

Aos poucos foram se aquietando e conseguimos deixar a sala em ordem e limpa. Apesar das dificuldades iniciais, depois de tudo arrumado, passamos a falar um pouco sobre a atividade. Todos queriam mostrar o que haviam feito e falar sobre seu personagem. Nesse dia, percebi que a professora não estava muito preocupada com o tempo, depois ela me disse que “sentiu que era importante para as crianças que todos que quisessem, falassem.

Uma das crianças resolveu fazer o pai do menino Marcelo e enquanto falava foi amassando o que havia feito como se tivesse conseguido repreender o pai por não ter entendido o filho na história. As crianças ficaram em total silêncio para ouvi-lo; parecia que aquele sentimento de raiva do personagem fosse sendo trabalhado e todos ao final se sentiram aliviados.

Em outro momento trabalhamos com o livro “A lagartixa que virou jacaré” (Izomar Camargo Guilherme). O livro conta a história de uma lagartixa que sonhava em virar jacaré, tanto que nos filmes do Tarzan só torcia para o jacaré.

Inicialmente conversamos livremente sobre o texto e depois nos aprofundamos um pouco ao discutirmos a questão da auto-aceitação.

Neste episódio aconteceu algo muito interessante. Ao iniciarmos a discussão, algumas crianças demonstravam um pouco de tristeza com algumas características pessoais. Muitos ficaram até mesmo transtornados ao tocarmos no assunto. Notei que alguns se escondiam.

O ambiente foi ficando entristecido até que eu comecei a me descrever, acentuando defeitos e reconhecendo que apesar deles eu estava muito feliz em estar ali com eles desenvolvendo esses trabalhos. Aos poucos eles foram melhorando o aspecto e começaram a rir de mim e de minhas características. Logo estávamos às gargalhadas. Resolvemos então dramatizar um pouco a história. Cada dupla faria uma cena. Quase todos quiseram participar e apesar do início tão entristecido, foi o dia mais alegre no final. A professora cada dia estava mais à vontade com as crianças e já sabia mais da vida deles, e estava preocupada “não somente com o conteúdo a ser ensinado, mas com o bem estar das crianças”, segundo palavras dela.

“(...) descobre-se agora que o verdadeiro conhecimento do eu não se dá por um “mergulho no inconsciente” (por meio de um processo interior, subjetivo, solitário), mas sim por meio do reconhecimento do eu em interação com o outro (por meio de experiências vitais e solitárias que mesclam reações interiores do ser e dados exteriores a ele)”.

(COELHO, 2000,p.156)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi que depois de ouvirem as histórias e terem a oportunidade de falar sobre elas e expressarem seus sentimentos e emoções, ora por palavras, por gestos, por trabalhos manuais ou desenhos, as crianças tinham o desejo de dizer algo a cada um dos que estavam presentes, ou até mesmo, indiretamente a alguém que não estava conosco. Talvez seus pais, seus colegas da rua ou a diretora.

Ao trabalhar com a literatura, não quero, simplesmente, retratar sentimentos que estejam contidos nela ou que aflorem na discussão do tema. Acredito que é apenas um exercício inicial para que o professor permita que os sentimentos e as emoções não precisem ser provocados, e só então trabalhadas. O professor deve se exercitar para, no cotidiano, permitir que as emoções “brotadas” na sala de aula sejam relevantes para o aprendizado e para o desenvolvimento de seus alunos. É importante que o professor utilize instrumentos que permitam uma aproximação maior entre ele e os alunos, e assim estabeleça um relacionamento com o aluno a ponto de tornar o aprendizado algo significativo.

Um projeto de educação deverá ter como eixo de sua organização a própria criança. É essencial que se considere o aluno um ser humano, e que a escola é um dos ambientes nos quais seu processo de constituição é desenvolvido, em diferentes contextos sociais e diferentes culturas. Não apenas suas potencialidades intelectuais são desenvolvidas, mas também suas capacidades criativas e emocionais. Sendo assim, devemos considerar que não apenas os “conteúdos escolares” devem ter lugar na escola. O relacionamento estabelecido entre professor e aluno é fundamental para que as características das crianças sejam reconhecidas e consideradas.

O educar nas séries iniciais não deve ter um sentido restrito como ensinar. Deve referir-se tanto ao aspecto cognitivo com o trabalho do conteúdo escolar, bem como enfocar as demais dimensões envolvidas no processo de constituição do sujeito/criança.

À luz da teoria de Vygotsky acredito que a emoção tenha parte fundamental no processo de desenvolvimento. Ele destaca o fator emocional, justamente na combinação da imaginação e da fantasia. Sendo assim, o campo da literatura infantil tem condições de proporcionar às crianças os momentos criativos, emocionantes e imaginativos, tão importantes para o seu desenvolvimento. Diferentemente da abordagem da psicologia tradicional, os aspectos intelectuais e os afetivos não devem estar separados, e sim com uma relação dinâmica. Na escola, principalmente, é importante que o professor não deve controlar ou regular os sentimentos dos alunos. Entretanto, deve dar condições e, até

mesmo, criar oportunidades nas quais as crianças possam se emocionar e demonstrar seus sentimentos. Com a experiência que tive, acredito que a literatura infantil é uma porta de entrada para que os sentimentos e emoções das crianças sobrevivam, num ambiente no qual muitas vezes apenas o conhecimento intelectual e o aspecto cognitivo é considerado.

Desse modo, coloco como fundamental a preocupação do professor com o desenvolvimento emocional das crianças. Não foi raro presenciar nas salas de aula, durante os momentos iniciais da pesquisa as crianças sendo desestimuladas e até mesmo, discriminadas, por externalizarem seus sentimentos através do choro ou do riso. Nessas situações a agressividade ou a indiferença era a resposta das crianças aos que ignoravam seus momentos de emoção. A visão que eu tinha era a preocupação de um professor com o silêncio da turma, o qual, também é objeto de estudo, por se tratar de uma manifestação emocional também. O relacionamento inicial da professora com os alunos era muito distante, sem que houvesse liberdade para que os sentimentos estivessem marcando o cenário.

Não se pode limitar, ou desconsiderar o papel das emoções no processo da construção da subjetividade humana. A interação com outros sujeitos, demonstrando suas emoções, é fundamental para o desenvolvimento de suas potencialidades e capacidades de qualquer ordem. É na escola que o professor deve facilitar esse processo contribuindo cada vez mais para a vivência afetiva com e entre seus alunos. Entendo que o professor, muitas vezes, esteja sobrecarregado com muitas tarefas e muitos alunos na sala de aula, mas não devemos perder de vista as discussões que fizemos na universidade. Sempre temos motivo para recomeçar, reconstruir e modificar o ensino, para que o processo de construção do sujeito seja efetivamente acompanhado.

As crianças chegam na escola com seus conflitos, dúvidas, incertezas e da mesma maneira, o professor. Expressam sentimentos e emoções em gestos e palavras. E, apesar disso, todos têm que se concentrar, esquecer o que trazem e ensinar e aprender. Segundo Tassoni (2000) é fundamental a aproximação do cognitivo do afetivo, pois, desta maneira, o professor facilitará uma aprendizagem significativa em seus alunos.

“é a sensibilidade do professor, sua experiência, a sua vivência em cada encontro, a sua atenção genuína, o seu ouvir lúcido, a sua motivação para compreender o outro que serão os guias para decidir o como, o quando o quanto é possível aproximar-se dessas condições. A função da emoção na ação educativa é a de abrir caminho para a aprendizagem significativa, isto é, aquela aprendizagem que vão ao encontro das necessidades, interesses e problemas reais das crianças e que resulta em novos significados transformadores da sua maneira de ser (...) possibilitando a descoberta de novas idéias”

(Mahoney, 1993 apud Tassoni, 2000, p.134)

Desde o início desse trabalho, tinha consciência das dificuldades que iria encontrar. Queria entender cada vez mais as relações dentro da escola, mas sabia que para isso, era preciso que os sujeitos se expusessem cada vez mais. Era necessário que a professora, os alunos e eu estivéssemos dispostos a demonstrar nossas emoções e a nos relacionarmos cada vez mais. Precisaria de um tempo maior com os alunos, algo já escasso em sala de aula. Ainda bem que encontrei uma professora que aceitou o desafio de junto comigo esquecer um pouco o relógio e permitisse que as circunstâncias não nos impedissem de trabalhar. Foi difícil, às vezes desanimador, mas cresci.

Segundo o depoimento da professora, ela também cresceu com o trabalho. Permitiu que as crianças tomassem mais parte das aulas. Percebeu que as aulas podem e devem ter um maior significado para seus alunos. Os momentos de trabalho com a literatura infantil permitiram que nos aproximássemos mais das crianças enquanto sujeitos da aprendizagem, participantes atuantes dos momentos escolares.

A Literatura Infantil têm muitas contribuições a dar no cotidiano da sala de aula. Muitas vezes servem como instrumento de ensino (ortografia, interpretação), para alguns professores servem para silenciar as crianças e há aqueles que, compartilham comigo da opinião que a literatura infantil é muito mais do que um instrumento para a passagem de conteúdos. É um momento de afetividade entre professor e aluno, um momento de relaxamento e de provocar emoções nos alunos e professores, tão importantes para o desenvolvimento das crianças.

“O esforço é grande e o homem é pequeno...”

“Valeu a pena?”

Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor...”

(Fernando Pessoa)

BIBLIOGRAFIA

ARRIGUCCI, D. Jr. **Leitura, entre o fascínio e o pensamento**. In Célia M. de A. Silva {et al} **Leitura, escola e sociedade** SP: FDE. Diretiva técnica, 1992 (pp.19-24). Série Idéias.

ALMEIDA, A.R.S. (1997) “A emoção e o professor” um estudo à luz da teoria de Henri Wallon. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.13,nº 2, p.239-249, mai/ago.

_____ (1999) **A emoção na sala de aula**. Campinas, Papirus.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, 366 p.

CODO, W. & GAZZOTTI, A. A. (1999) Trabalho e afetividade, em Codo, W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes/Brasília CNTE e Brasília LPT.

COELHO, Nelly N. **O conto de fadas**. 2ª. ed. São Paulo: Ática,1991, 92p

DANTAS, H. (1992) Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M.K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, M. (1994) O sentido dramático da aprendizagem, em Grossi e Bordin (orgs.) **Paixão de aprender**. Petrópolis: Vozes.

GALVÃO, I (1995) **Henry Wallon- uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes

JESUALDO, (1982) **A literatura Infantil**, tradução de James Machado, São Paulo Editora Cultrix.

MAGIOLINO, L.L.S. **Palavras e emoções no cotidiano da sala de aula: surpresas e indagações de uma professora em exercício.** Campinas, SP: TCC, 2001

MEIRELLES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil.** 3ª. ed. RJ. Nova Fronteira, 1984.155p.

MONTANHEIRO, C.E.P. **Buscando compreender as relações entre emoção e imaginação numa prática de leitura.** Campinas, SP: TCC, 2002

NEGRO, T.C.(2001) **Afetividade e leitura: a mediação do professor em sala de aula** Relatório técnico apresentado como exigência de conclusão de bolsa de pesquisa da Faep, Faculdade de Educação UNICAMP.

OLIVEIRA, M.K. (1992) O problema da afetividade em Vygotsky, em La Taille, Y. Dantas, H.Oliveira, M.K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus Editorial Ltda.

PINO, A. (mimeo) **Afetividade e vida de relação.** Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, M., L.F.S. (2001) **Análise das dimensões afetivas nas relações professor-aluno.** Relatório técnico apresentado como exigência de conclusão de bolsa de pesquisa da Faep, Faculdade de Educação UNICAMP.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo.** 6a. ed. São Paulo: Cortez, 1993, 135p.

TASSONI, E. C. M. (2000) **Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação UNICAMP

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993, 135p.

_____. A pré-história da linguagem escrita, in Vygotsky, L.S. **A formação social da mente.** SP: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. (1968) **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70

ZILBERMANN, R. **A leitura na escola** In Regina Zilbermann (org.) "Leitura em crise na escola: as alternativas do professor". Porto Alegre, Mercado Aberto, 2ª. Ed., 1982 (pp.9-22).

1

2

3